



**RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS
RELAÇÕES**

**RECOGNITION AND ETHNIC BELONGING OF AFRO-BRAZILIANS IN THE CONTEXT OF
RELATIONS**

**RECONOCIMIENTO Y PERTENENCIA ÉTNICA DE LOS AFROBRASILEÑOS EN EL CONTEXTO
DE LAS RELACIONES**

Alessandro de Jesus Santana¹, Ana Angélica Leal Barbosa²

e3101975

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i10.1975>

PUBLICADO: 10/2022

RESUMO

Pensar sobre as relações étnicas no país é fundamental para superar a marginalização imposta histórica e culturalmente aos afro-brasileiros, sendo pertinente estudar temáticas relacionadas à identidade pelo fato das questões étnicas serem a base de normas e comportamentos. Este trabalho surgiu com o objetivo de investigar como é visto o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais. O presente estudo se justifica dado à necessidade de colaborar na superação de estigmas preconceituosos e que marginalizam pessoas. Por fim, fundamentado no constructo teórico colocado no presente texto, fica evidente que o reconhecimento e a pertença dos afro-brasileiros no contexto das relações, levando em consideração a etnicidade como aspecto desse reconhecimento, é percebido por diversos teóricos como algo que se estrutura no campo biológico, no realce e interação social.

PALAVRAS-CHAVE: Reconhecimento. Pertença. Afro-brasileiros.

ABSTRACT

Thinking about ethnic relations in the country is essential to overcome the marginalization historically and culturally imposed on Afro-Brazilians, and it is pertinent to study themes related to identity because ethnic issues are the basis of norms and behaviors. This work arose with the objective of investigating how the recognition and ethnic belonging of Afro-Brazilians is seen in the context of relationships by traditional and current theorists. The present study is justified by the need to collaborate in overcoming prejudiced stigmas that marginalize people. Finally, based on the theoretical construct placed in this text, it is evident that the recognition and belonging of Afro-Brazilians in the context of relationships, taking into consideration ethnicity as an aspect of this recognition, is perceived by several theorists as something that is structured in the biological field, in the social highlighting and interaction.

KEYWORDS: Recognition. Belonging. Afro-Brazilians.

RESUMEN

Pensar en las relaciones étnicas en el país es esencial para superar la marginación impuesta histórica y culturalmente a los afrobrasileños, siendo pertinente estudiar los temas relacionados con la identidad porque las cuestiones étnicas son la base de las normas y los comportamientos. Este trabajo surgió con el objetivo de investigar cómo el reconocimiento y la pertenencia étnica de los afrobrasileños es vista en el contexto de las relaciones por los teóricos tradicionales y actuales. El presente estudio se justifica por la necesidad de colaborar en la superación de los estigmas prejuiciosos que marginan a las personas. Finalmente, con base en el constructo teórico colocado en

¹ Graduado em Geografia pela UniCesumar e Educação Física pela UESB. Especializações em: Psicomotricidade, LIBRAS e Ciência da Religião. Mestrando no curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade. - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

² Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFBA), Mestre em Ciências: área de concentração em Genética (UFPR). Doutorado em Ciências Biológicas - área de concentração em Genética (UFPR). Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC / ODEERE / UESB). - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

el presente texto, es evidente que el reconocimiento y la pertenencia de los afrobrasileños en el contexto de las relaciones, teniendo en cuenta la etnicidad como un aspecto de este reconocimiento, es percibido por diversos teóricos como algo que se estructura en el campo biológico, en el destaque e interacción social.

PALABRAS CLAVE: Reconocimiento. Pertenencia. Afrobrasileños.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propôs realizar um estudo bibliográfico a respeito de como é visto o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais, sendo necessário analisar de forma objetiva questões relacionadas à identificação, o que equivale observar as movimentações que acontecem no contexto das coletividades.

Pensar sobre as relações étnicas no país é fundamental para tentar superar a marginalização imposta culturalmente aos afro-brasileiros, colaborando para reforçar ou construir fronteiras étnicas mais sustentáveis, haja vista que na atualidade ainda ocorre a reprodução de práticas que inferiorizam as pessoas a partir de algum elemento da identidade. Consorte (2019, p. 22), expondo algumas informações sobre a condição dos negros, coloca:

[...] é importante ressaltar que o comércio de escravos durou centenas de anos introduzindo inúmeros grupos étnicos ao longo desse tempo por todo território. Com eles também chegaram diferentes formas de ser, de sentir, de acreditar, de produzir a sobrevivência. Mão de obra de escravos expropriados da sua condição de pessoas, de seus modos de ser e sentir, não obstante esta condição, de alguma forma também se fizeram presentes em nossa formação. Nós somos, assim, um país formado por um grande contingente africano, muito embora apesar dessa presença, sejamos um país racista e preconceituoso, sobretudo em relação aos negros e afrodescendentes.

Apesar da população do país ser constituída em sua grande maioria por pessoas pardas e pretas, 50,7% da população, segundo dados do IBGE, na pesquisa realizada em 2010, continua sendo perceptível a ocorrência de práticas racistas e discriminatórias, tanto em comportamentos individuais quanto coletivos e nas políticas públicas de estado que, com mecanismos institucionais, segrega e mata contingentes nas periferias de todo o país. E para a superação destas questões complexas, é necessário valorar grupos étnicos e raciais que ao longo da história foram marginalizados.

Cabe então aqui, a conceituação mais usual do que seja grupo étnico, que segundo Poutignat e Streiff-Fenart, (2011) dizem, o termo, na bibliografia antropológica, é geralmente entendido para designar uma população que perpetua biologicamente, compartilha valores culturais, constitui um campo de comunicação e interação e possui membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferencial. Contudo, a compreensão que se destaca é o realce cultural como sendo algo fortalecedor da identificação, sem esquecer o quesito biológico que também define se alguém pertence ou não a um determinado grupo étnico, tendo as características físicas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

postas como categorizações raciais perceptíveis. “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (SILVA, 2014, p. 15). Oliveira, escrevendo sobre como é ser negro no Brasil, vai dizer que:

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura (OLIVEIRA, 2004, p. 57).

Os debates relativos à construção e fortalecimento de identidades de pessoas afro-brasileiras levam em consideração a superação de estigmas preconceituosos e que marginalizam indivíduos e grupos. Assim, justifica-se como pertinente estudar essas temáticas por ser relevante colaborar nesse processo, visto que o reconhecimento como afro-brasileiro fortalece a identificação étnica e a pertença, que evidentemente acontece nas relações, que são a base da criação de normas e comportamentos que podem fazer juízo de valor de outros grupos ou pessoas.

De Santana (2017, p. 30) vai dizer que; “[...] a etnicidade, enquanto forma de organização política, intensifica a cultura de um determinado grupo étnico e a sua identidade”. Nesse sentido, cabe uma revisão, assim como um diálogo teórico bibliográfico para que se possa entender um pouco mais sobre reconhecimento e pertença dos afro-brasileiros.

Foram realizadas buscas na Base de Dados do Scielo, no Google Acadêmico, em repositórios próprios de universidades e em livros tradicionais sobre a temática. O presente estudo surgiu com o objetivo de investigar, tendo como problema: Como é visto o reconhecimento e a pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais? E como aspectos secundários, a intenção é discutir, refletir e apresentar o estudo em ambientes escolares e acadêmicos. Assim, optou-se por enveredar na questão, através de um estudo qualitativo, utilizando para tanto alguns autores, num diálogo reflexivo e posicionado a respeito da problemática, provocando ainda mais anseios sobre o tema etnicidade.

1. ETNICIDADE COMO ASPECTO DE RECONHECIMENTO

Na sociedade brasileira, vários aspectos são colocados para classificar uma pessoa como tendo uma ancestralidade africana, e com maior evidência se destacam os aspectos fenotípicos, como: cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, da boca e dos pés, entre outros detalhes corporais. Muitas pessoas usam essas características como forma de identificar um suposto paralelismo na origem comum, chegando muitas vezes a salientar detalhes desses marcadores citados para que sejam percebidos de forma mais objetiva pelos seus pares, como por exemplo: o uso do pente enfiado no cabelo, turbantes ou de algumas roupas específicas.

Cunha (1993) *apud* Silva e Sobral (2013, p. 22) afirmam que os “[...] traços fenotípicos fornecem uma base natural, neutra, fixa, evidente, em que a cultura investe, interpreta e transforma em símbolos”. Dessa forma, se entende que: traços físicos são aspectos biológicos que se perpetuam



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

de modo amplo. Sendo similar ao exposto na conceituação de grupo étnico no livro Teoria da Etnicidade de Philippe Poutignat e Streiff-Fenart, podendo ser usado como marcador da etnicidade ou realce.

Há um direcionamento para entender a etnicidade como algo planejado pela coletividade, pois se trata de uma significação propositiva para fortalecimento do reconhecimento ou da diferenciação. De acordo com Barth (1998), os indivíduos têm de estar conscientes de sua identidade étnica e com uma atuação dinâmica a seu favor. Assim, a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas, significando ser algo do mundo cultural e social.

A identidade ou etnicidade se apresentam como aspectos que estão além da cultura, pois é realçado de acordo com interesses das pessoas em momentos específicos. “Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2014, p. 76). Cunha (2009) vai dizer que os dados sobre a etnicidade nos levaram à descoberta de que pode ser forma eficiente para conquistar espaço, sendo política, descobrindo que podia ser linguagem e retórica. A mesma autora ainda continua dizendo:

[...] a etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas de permitir a comunicação. Pois como forma de organização política, ela só existe em um meio mais amplo (daí, aliás, seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos) e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e as categorias dessa linguagem (CUNHA, 2009, p. 237).

É em situações mais globais de relacionamentos que aparecem as singularidades tanto da identificação quanto da diferenciação. Como é afirmado por Barth (1998), que as identidades étnicas são construídas interativamente, sendo situacionais. Não sendo, portanto, algo vindo de nenhum tipo de essência, ou seja, pré-estabelecido, mas que é construído pelo viés cultural e contato.

De Santana (2017, p. 30), escrevendo sobre legados africanos, expõe que, “[...] não podemos definir grupos étnicos a partir de sua cultura, embora a cultura entre de modo essencial na etnicidade.” Nesse contexto, a etnicidade desempenha uma função de marcador da identidade étnica, haja vista que a cultura pode ser reformulada nas relações de contato, sempre existindo estratégias de identificação, realce e exclusão, que muitas vezes são colocados em prática, associados aos aspectos corporais, linguísticos, culturais, religiosos, entre outros. Silva (2015), falando sobre tensões entre identidade e reconhecimento, diz que a etnicidade é relacionada à organização do grupo, e atribuída pelos próprios autores. Sendo o equivalente a uma ação performática, o que equivale pensar ser esta uma atitude ou estratégia de diferenciação, não pelo outro, mas pelos próprios interessados.

Os agrupamentos humanos e a construção do reconhecimento associado ao desenvolvimento da identidade étnica dos afro-brasileiros são, nesse entendimento, visto como sendo um processo extremamente dinâmico. Assim, destaca-se que em todas as colocações expostas por teóricos até aqui, não se vislumbra a etnicidade como falsificação de comportamentos ou de atitudes forçadas, mas de algo que está ligado à ação social no desenvolvimento das identidades, fazendo sentido na vida dos que aderem de forma consciente ou não determinados marcadores de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

identificação como realce. Portanto, seria a atitude política positiva que teria sentido de organização e solidariedade.

O reconhecimento da pertença a um determinado grupo ou comunidade é um processo de construção de identidades. Daí a valorização em contexto, do cabelo *black*, do uso das religiões afro-brasileiras e de símbolos culturais como a capoeira e a música. Não esquecendo que, o próprio fenótipo, com suas características visíveis como cor da pele, formato do nariz, tudo isso, na perspectiva dos autores deste estudo, já podem ser características que geram possibilidades de realce, e de ser aceito ou não por um determinado agrupamento. Segundo Silva:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (SILVA, 2014, p. 40).

Pode-se assim dizer que a identidade étnica dos afro-brasileiros se dá pelo reconhecimento de pertencimento, pelo uso de elementos simbólicos realçados, mas também em certa medida pelo contraste aos outros: indivíduos, grupos ou comunidades existentes. Segundo Oliveira (2007), o contraste parece ser a essência da identidade étnica e a base pela qual esta se define. E Luvizotto (2009, p. 35) diz que: “A etnicidade é uma entidade relacional, pois está sempre em construção, de um modo predominantemente contrastivo, o que significa que é construída no contexto de relações e conflitos intergrupais”. As colocações de Oliveira e Luvizotto culminam para a apreensão do conceito de identidade ligada a estruturas fundamentadas obrigatoriamente na diversidade.

No Brasil são vários os aspectos que acentuam as diferenças culturais entre os vários grupos étnicos que compõe a nação, mas é na etnicidade que se encontram formas de aglutinar posicionamentos e pertenças. Nessa lógica, a continuidade de um grupo étnico não é justificada apenas pela manutenção de culturas tradicionais ou novas, mas principalmente pelo estabelecimento, assim como a manutenção dos limites do grupo, do estabelecimento e continuidade de “eu” e o “outro”. Roberto Cardoso de Oliveira coloca que:

A identidade contrastante parece constituir a essência da identidade étnica, podendo dizer, a base sobre a qual esta se define. Implica na afirmação do *nós* frente aos *outros*. Quando um grupo ou uma pessoa se define como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação com algum outro grupo ou pessoa os quais se enfrentam. Essa identidade surge por oposição (OLIVEIRA, 2007, p. 54).

A oposição e diferença étnica que se processa nas relações entre os grupos não justificam atitudes preconceituosas e racistas verificadas no histórico brasileiro, e que ocorrem ainda atualmente. Sendo necessárias maiores reflexões e ações em torno dessa questão para ressignificações coletivas no seio da sociedade, mesmo havendo, segundo Silva (2014), polos de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

poder, com estreitas conexões com relações de forças. Assim, o pragmatismo e reciprocidade que pessoas e grupos consolidam na expressão do contraste, regulam o acesso aos sistemas simbólicos ou materiais por via da força.

Pontua-se ainda que, ser visto como pertencente a um grupo étnico específico, com simbolismos que são carregados nas vivências individuais e coletivas, passado de geração a geração, não significa ser reconhecido por todos desse mesmo modo, nem por aqueles que vivem internamente numa condição de paralelismo e similitude, podendo em algumas situações, não haver reciprocidade no reconhecimento.

A construção de identidades por via de grupos em oposição aos que são diferentes é o que em certa medida, favorece o aglutinamento de elementos étnicos proporcionando, afinidades e identificação. Santos (2010) entende etnia ou etnicidade como um conjunto de crenças, religiosas, práticas culturais, língua e representações de mundo partilhado por determinado grupo. Portanto, as divergências por questões identitárias deveriam ficar apenas nos aspectos simbólicos, não extrapolando esta fronteira. Mas o que se nota é o surgimento de estigmas que diminuem e outro a partir de elementos étnicos.

O Brasil e os brasileiros já pagaram um preço muito alto por conta da discriminação institucionalizada com raízes profundas advindas ainda do período colonial, onde a cultura e identidade europeia foram colocadas como a única e de valor aceitável. Santos (2010) afirma que: os filhos de brancos com negros foram chamados de mulatos e apontavam inferioridade em relação aos brancos, sendo o termo mulato associado à mula ou jumento, logo, prejudiciais umas as outras. Contudo, entende-se ser necessária a construção de mecanismo de contato que prime pelo respeito às diferenças, principalmente a étnica, que por sua vez, significa conviver de forma pacífica diante da alteridade, inclusive dentro de um mesmo grupo.

2. ETNICIDADE E SUPERAÇÃO DE ESTÍGMAS

Considera-se que, agora, seja propício trazer além das discussões relacionadas à identidade, assuntos em prol da causa negra. E sem precisar estar na defensiva, construir relações que fortaleçam enquanto unidade. Portanto, há consenso com Oliveira (2000), ao asseverar que a identidade, etnicidade e a nacionalidade se impõem como de valor estratégico. Assim, a categorização étnica fornece a estruturação de espaços para colocar os conteúdos elaborados no sistema cultural de afinidades.

Ciente que o processo de reconhecimento enquanto grupo étnico precisa ser interiorizado e até buscado pelos afro-brasileiros, tornou-se necessário à união e comunhão por aqueles que são identificados e se identificam como pessoas pretas ou pardas no território nacional, entendendo que este aspecto racial realça a identificação. Realce este que vem gerando estigmas negativos por pessoas de fora, em sua maioria branca. Munanga (2012) compreende que a identidade negra corresponde também à identidade autoatribuída. E quando se fala em uma identidade estereotipada, é uma atribuição. Portanto, a superação dos estigmas depreciativos não virá através dos “outros” e sim dos que pertencem ao grupo ou que possuam marcadores semelhantes.

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

O negro é estigmatizado tendo a cor da pele como principal marca (FERNANDES, 2016). Este estigma, segundo a mesma autora, impede as pessoas negras de desenvolverem um sentimento de pertencimento racial, paralelamente, de construir a autoestima de uma identidade positiva. Mas que deve ser majorado positivamente pelo “eu” e o “nós”. Silva (2019), escrevendo sobre etnicidade e religião, coloca como sendo importante ressaltar que o negro é marginalizado em primeira instância porque é negro. Portanto, nem a miscigenação e tampouco a ascensão social foram ou são capazes de anular o preconceito racial no Brasil, cabendo a cada indivíduo ou grupo étnico lutar para que haja respeito às diferenças.

Não é razoável entender a identidade nem a etnicidade como algo estático, nem é possível colocar como irrelevantes as relações entre grupos diferentes. Stuart Hall diz que a identidade é inerentemente instável: procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença) e está escapulindo de nós (HALL, 2006). Assim, como influenciemos na cultura e identidade do outro, o outro influencia na nossa, pois tudo ocorre justamente nesse contraste. Isso seria, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1976), a Identidade que surge na oposição. Ou seja, uma identidade que se afirma na confrontação e oposição.

Compreende-se, desta forma, que identidade e etnicidade são resultados de uma construção contextualizada também com o diferente, não só com os membros da sua própria comunidade, sendo a interação neste formato, uma maneira de ressignificar símbolos que possam fortalecer tanto a identidade do grupo quanto do campo social de interação. Tomaz Tadeu da Silva (2014) coloca que, participamos de instituições e campos sociais exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada escolha tem um contexto material, tendo um lugar/espço bem como recursos simbólicos. O resultado do que é reproduzido culturalmente são provocadores de aproximações e afastamentos, sendo as identidades, fabricadas ou construídas por meio de marcações de diferença.

3. DIFERENÇA NA ETNICIDADE

A diferença não pode ser vista como justificativa para oprimir e negar a existência do outro. A situação de construção da identidade que nega e marginaliza o diferente já foi amplamente condenada pela humanidade, onde ocorreu, como exemplo, a fatídica transformação de seres humanos em escravos em várias partes do mundo, em especial no Brasil, mas também episódios como o holocausto dos judeus na Alemanha, e o extermínio dos índios em várias nações. Essa criação de oposição estritamente definida para aniquilar o outro a partir de elementos éticos, nunca foi e com certeza não será saudável a humanidade em nenhum aspecto. Assim;

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora (SILVA, 2014, p. 50-51).

As diferenças, o hibridismo, mas também as similitudes precisam ser valorizadas para a superação do preconceito, do racismo, marginalização dos direitos e desigualdade social. Tomaz



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

Tadeu da Silva aponta duas alternativas para vivenciar a diferença, uma de forma positiva, que é celebrando a diversidade e outra negativa, excluindo o “outro”.

Nas postulações dos autores citados, a identidade étnica ocorre na interação entre quem pertence, mas também com os que não fazem parte do mesmo grupo, que por sua vez, gera uma espécie de exclusão, assim como identificação. Contudo, entende-se que não há nenhum impedimento para a construção de relações saudáveis com e entre os diferentes em qualquer aspecto. Desta forma, há de se concordar que a identidade pode ser construída celebrando a diversidade, pois esta depende da diferença.

A relação entre identidades étnicas diferentes é um elemento importantíssimo de análise, pois toda a discussão referente aos pontos de contato quase sempre converge para conclusões que a diversidade é marcada pela forma que o outro nos identifica, mas que também pressupõe a identificação ao grupo a que se pertence. Fernandes (2016, p. 106) coloca que: “Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade”. Ou seja, o sujeito se constrói também a partir de marcas diferenciais provindas dos outros. Dessa forma; “Toda identidade é construção social e histórica” (SILVA, 2014, p. 8). Confirmando que os elementos constitutivos da etnicidade se dão no contato com outras pessoas e grupos sociais em mecanismos voláteis, na formação e caracterização personificada, sendo esta (etnicidade) modificada mesmo com a manutenção de fronteiras simbólicas e culturais, ganhando de forma política os benefícios étnicos construtores de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considera-se como agregadora a junção da mobilização política aos aspectos étnicos na superação, não só de estigmas preconceituosos, mas também como estratégia de garantia de direitos e participação na construção efetiva de uma sociedade igualitária e justa. Arruti (1997) defende que a identidade coletiva pode visar ganhos políticos e expectativa de autodeterminação. A diferenciação e o reconhecimento da pertença dos afro-brasileiros pressupõem o fortalecimento da etnicidade, e mostra em nosso entendimento que a forma de ser e vivenciar os símbolos culturais de cada um fortalecerá as fronteiras étnicas.

Não se pode deixar de reforçar que as identidades étnicas não são estáticas no tempo, pois em todas as épocas se elabora vivências com particularidades singulares, assim como símbolos culturais. A tentativa de construir uma teoria das relações étnicas válidas para todas as épocas e sob todas as condições parece desprovida de qualquer fundamento (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Compreende-se que as relações ao longo da história proporcionam o surgimento e modificações de identidades e etnicidades, que geram no imaginário social da coletividade, assim como dos afro-brasileiros, um sentimento dinâmico de existências de fronteiras. Sendo que os deslocamentos ou transições de pessoas ou símbolos culturais não devem provocar traumas e conflitos entre os diferentes grupos étnicos e sim crescimento e valorização da identidade e do pertencimento.

Fundamentado no constructo teórico colocado no presente texto, fica evidente que o reconhecimento e a pertença dos afro-brasileiros no contexto das relações, levando em consideração

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

a etnicidade como aspecto desse reconhecimento, é percebido por diversos teóricos tradicionais e atuais como algo que se estrutura no campo biológico, no realce, interação social e contraste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade trazer ao palco das discussões um estudo bibliográfico sobre como é percebido o reconhecimento e pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações por teóricos tradicionais e atuais. E nesse sentido, com as elaborações apresentadas desses autores, entende-se que o reconhecimento e pertença levam em consideração os aspectos biológicos, o realce, a interação, símbolos culturais, a consciência das prescrições, o contraste, a relação de forças e a diferença entre os diversos grupos.

Buscou-se aproveitar o constructo aqui exposto como espaço de reflexão para discutir sobre as condições dos afro-brasileiros em meio às práticas históricas de racismo, tendo em vista a existência de olhares preconceituosos e atitudes perversas, que no caso brasileiro perduraram por mais de 300 anos com a escravidão, e mesmo com todo o avanço produzido pelas interações sociais interétnicas ao longo da história, continuam existindo ainda na atualidade.

O reconhecimento étnico deve ser valorizado, buscado e realçado numa etnicidade, mesmo que de forma transitória, com a premissa de união, comunhão, identificação e superação das condições que sempre foram impostas pela colonização ou por suas heranças, escravistas, institucionais, conjunturais e estruturais.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **MANA - Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2439.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (org.). **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.185-228.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Relações Étnicas e Relações Raciais: diferenças e aproximações. **ODEERE**, v. 4, n. 8, p. 30-34, 2019. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6232> Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6232>. Acesso em: 11 dez. 2021.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2009.

DE SANTANA, Marise. Legados africanos: palavra enunciadora de simbolismos étnicos. **ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, v. 3, n. 3, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1571/1354D> - Acesso em: 12 dez. 2021.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, p. 3-20, abr. 2016. DOI:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RECONHECIMENTO E PERTENÇA ÉTNICA DOS AFRO-BRASILEIROS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES
Alessandro de Jesus Santana, Ana Angélica Leal Barbosa

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/i/riieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHvJ4s/?lang=pt>. Acessado em: 03 mar. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Síntese dos Indicadores de 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf. Acessado em: 04 jan. 2011.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Etnicidade e identidade étnica** - Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, 2012.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 57-60, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2021.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

OLIVEIRA, R. C. Os (des)caminhos da identidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 07-21, fev. 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100001>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000100001&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 25 jan. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Etnicidade e Estrutura Social**. 3. ed. Cidade do México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores, 2007

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SANTOS, Marcio André dos. **Negritude Posicionadas**: as muitas formas de identidade negra no Brasil. 2010. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Antonio Rocha. **A monoparentalidade em mulheres negras**: Tensões entre identidade e reconhecimento nas tramas das relações das relações étnicas. 2015. Dissertação (Mestrado) - PPGREC, Jequié, BA, 2015. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/wp-content/uploads/2017/03/Antonio-Rocha-Silva.pdf> Acessado 11 nov. 2020.

SILVA, Manuel Carlos; SOBRAL, José Manuel. **Etnicidade Nacionalismo e Racismo**: Migrações, minorias e étnicas e contextos escolares. [S. l.]: Edições Afrontamento, 2013.

SILVA, Milena Regina de Paula. Raça, Etnicidade e Religião: Das ciências sociais às ciências da religião. **CSinline – Revista Eletrônica de ciências sociais**, Juiz de Fora, n. 28, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.